

**DIRECÇÃO: JACINTO DO PRADO COELHO**

**COORDENAÇÃO: ERNESTO RODRIGUES,  
PIRES LARANJEIRA, VIALE MOUTINHO**

# **DICIONÁRIO DE LITERATURA**

**PORTUGUESA BRASILEIRA GALEGA AFRICANA  
ESTILÍSTICA LITERÁRIA**

**ACTUALIZAÇÃO 2º VOLUME**

**FIGUEIRINHAS**

Todos os direitos reservados, de harmonia com a legislação em vigor

Título: Dicionário de Literatura—Actualização (2º Volume)

Coordenadores: Ernesto Rodrigues (Literatura Portuguesa), Pires Laranjeira (Literaturas Brasileira e Africanas), Viale Moutinho (Literatura Galega)

Copyright © Livraria Figueirinhas

Edição e Distribuição: Livraria Figueirinhas

Rua da Prata, 208 - 2º — 1100-422 Lisboa

Tel.: 218879268 Fax: 218879639

Rua do Almada, 47 — 4050-036 Porto

Tels.: 223325300 222088789 Fax: 223325907

correio@liv-figueirinhas.pt

1.ª edição: 2003 — Tiragem: 4000 exemplares

Impressão Humbertipo/Porto

Depósito legal nº 187078/02

ISBN: 972-661-177-6 (2º volume)

ISBN: 972-661-179-2 (Obra Completa)

## **Colaboradores deste volume**

- A. B. M. P. António Manuel Bettencourt Machado Pires (Professor da Universidade dos Açores)
- A. C. M António Coimbra Martins (Investigador)
- A. P. Afonso Praça † (Investigador)
- A. R. Annabela Rita (Professora da Universidade de Lisboa)
- A. S. Alberto Sampaio (Investigador literário)
- Á. Sal. Álvaro Salema † (Investigador)
- A. Sar. Arnaldo Saraiva (Professor da Universidade do Porto)
- A. Sp. Alfeu Sparemberger (Professor da Universidade de Itauí, Rio Grande do Sul)
- C. J. M. Cláudio José de Mello (Professor da Universidade do Norte do Paraná, Paraná)
- D. F. Duarte Faria † (Investigador)
- E. G. Elsa Gonçalves (Professora da Universidade de Lisboa)
- E. R. Ernesto Rodrigues (Professor da Universidade de Lisboa)
- F. G. Fernando Guimarães (Poeta; Ensaísta)
- F. J. B. M. Fernando J. B. Martinho (Professor da Universidade de Lisboa)
- F. M. Fernando Moser (Investigador)
- G. C. Gualter Cunha (Professor da Universidade do Porto)
- H. Al. Henrique Almeida (Professor da Universidade Católica, Viseu)
- J. A. Gon. José António Gonçalves (Escritor; Jornalista)
- J. B. C. João Bigotte Chorão (Escritor)
- J. C. Júlio Conrado (Escritor)
- J. C. F. José do Carmo Francisco (Escritor)
- J. M. A. Justino Mendes de Almeida (Professor da Universidade Autónoma de Lisboa)
- J. M. M. João Minhoto Marques (Professor da Universidade do Algarve)
- J. P. C. Jacinto do Prado Coelho † (Professor da Universidade de Lisboa)
- J. R. S. João Rui de Sousa (Poeta; Ensaísta literário)

«**Jogo da Cabra Cega**» (1934). Primeiro romance de José Régio, dado à estampa pelas Edições «Presença». As versões originais impressas de dois capítulos do livro são anteriores a esta data: em 1929, aparece na *Presença* (n.º 21, Jun.-Ag., p. 4-6) um «Fragmento do romance inédito *J. da C. C.*» — o qual virá a corresponder, com alterações, a parte do capítulo X («O arcanjo da noite»); em 1932, na mesma revista (n.º 35, vol. segundo, Mar.-Maio, p. 9-12), «Transcreve-se mais um trecho do romance inédito *J. da C. C.*» — texto que virá a integrar, com correcções, a versão definitiva do capítulo XV («M.lle Dora em casa da Senhora Dona Felícia»). A pré-publicação destes dois fragmentos do «romance» (subtítulo confirmado na publicação integral) não o isentou da polémica de que foi objecto a partir de 1934; na verdade, certas leituras a que foi sujeito — como naquelas que nele viram, sobretudo, o retrato da «imoralidade» de alguns comportamentos das suas personagens — contribu-

íram, porventura, para a limitação do espectro receptivo da obra, a qual, pouco tempo decorrido após a sua publicação, acabou por ser proibida, tendo sido apreendidos os exemplares disponíveis no mercado editorial. Só com a segunda edição, em 1963, pôde o texto alcançar um público mais vasto. Este acidente não diminui, nem oblitera, a importância de que se reveste *J. da C. C.* em termos literários e históricos, nomeadamente pelo facto de ser considerado o primeiro «romance psicológico» português (vejam-se, por exemplo, os testemunhos de Adolfo Casais Monteiro e de João Gaspar Simões, segundo os quais a concepção do texto de Régio é anterior a *Elói ou Romance Numa Cabeça* — da autoria do próprio Gaspar Simões). Efectivamente, *J. da C. C.* insere-se na linha europeia de fuga aos códigos do romance realista e naturalista, testemunhando a herança dostoiéwskiana, a importância das obras de Gide e Proust, a primazia do pensamento de Bergson e de Freud. Elementos estruturantes do texto são, por isso, a introspecção, o demorado olhar sobre o «mundo interior», a análise dita psicológica, as implicações metafísicas da consciência da problemática do duplo (cujas raízes nacionais mais imediatas estão na leitura atenta, a que o A. procede, da obra de Mário de Sá-Carneiro). Neste romance aberto, o protagonista, Pedro Serra, também ele autor, centra em si mesmo todo o desenrolar da história, da qual se apropria e pela qual se diz: é a partir da auto-análise que se constroem os nódulos da acção, os quais se ancoram no processo de aprendizagem e de maturação do herói. A modernidade de *J. da C. C.* passa justamente pelo reconhecimento e pelo enunciar de uma crise, compreendida na instituição excepcional do sujeito, e

exibida enquanto elemento fundamental nos modos de relacionamento eu consigo próprio (isto é, com a sua consciência), com os outros (o Grupo, M.lle Dora, a Senhora Dona Felícia...) e, finalmente, com o Outro de si (o qual, no romance, aparece dotado de relativa autonomia, assumindo a face demoníaca e o nome de Jaime Franco — embora não tenha, necessariamente, um correspondente angélico em Pedro Serra). A conclusão da essencial incomunicabilidade humana, deduzida a partir do drama que a impossibilidade de o homem ser sincero implica — drama tão mais agudo quanto associado à literatura, à arte, à «expressão artística» — invade a obra em processo de constituição romanesco. Muito mais do que simplesmente contar uma história, *J. da C. C.* opera, através de um movimento interno de questionação e de experimentação, um olhar sobre a própria categoria genológica do romance (na qual, aliás, diz inserir-se), a partir de uma reflexão global sobre a natureza da linguagem. São as potencialidades representativas e comunicativas desta que estão em causa, no âmbito do reconhecimento da falência do modelo aristotélico de representação do mundo e do princípio romântico que considera a gramática humana inadequada à expressão da realidade transcendente. Por isso, deste ponto de vista, o romance enferma de uma impureza que reflecte e acompanha quer a exibida complexidade das consciências das personagens (particularmente, de Pedro Serra e de Jaime Franco), quer, sobretudo, o modo de as dizer. Assim, a diluição de uma estrutura narrativa forte e agregadora, a presença de uma importante componente dramática (visível, por exemplo, na predominância do diálogo em vários capítulos), o destaque assumido pelos princípios doutrinários e ensaísti-

cos, o amplo território de problematização auto-reflexiva, a ambiguidade genológica manifesta de certos passos (dos quais os capítulos XII, «Breve entreacto metafísico num dos bancos do jardim público», e XVIII — «'Discours de la méthode' (ou as pseudomemórias incompletas de Jaime Franco)» — se constituem como paradigmas) —, são elementos que traduzem uma deliberada experimentação e reflexão textuais acerca da natureza do romance e da própria escrita, dados a ler enquanto processo. A este respeito, *J. da C. C.* ocupa um lugar de charneira no conjunto da produção literária e ensaística de J. Régio, não só pelo que implica de citação directa de textos anteriores, como também pelo que programa, em si, dos motivos a que Régio se manterá fiel — visíveis quer na produção romanesca de mais fôlego, como *A Velha Casa*, quer na poesia, quer no teatro, quer mesmo no ensaio. Apontando sempre para si próprio, mas também para o exemplo em que se institui, *J. da C. C.* ocupa certamente o lugar incontornável na história da literatura portuguesa e um espaço de contínua revisitação na nossa modernidade literária.

J. M. M.

*Bibl.:* José Régio, «Da imoralidade, ou moralidade, do *J. da C. C.*», in *Fradique*, 45, 13-12-1934; Telmo Felgueiras, «Algumas considerações sobre o romance de J. R. *J. da C. C.*», *ibid.*, 43, 29-11-1934; Adolfo Casais Monteiro, «J. R. e o romance», in *O Romance (Teoria e Crítica)*, Rio, 1964, p. 323-340 (em especial, p. 325-335); Alexandre Pinheiro Torres, *Romance: o Mundo em Equação*, Lisboa, 1967, p. 57-78; Duarte Faria, «Um fantástico de imersão social em J. R.», in *Colóquio-Letras*, 18, Mar. 1974, p. 22-32; Yara Frateschi Vieira, *Níveis de Significação no Romance*, S. Paulo, 1974; Amini Boainain Haury, «O espelho em 'Jogo da cabra cega': uma perspectiva psi-

canalista simbólica», in *Letras*, n.º 24, Dez. 1975, p. 21-34; Vergílio Ferreira, «Na morte de Régio», in *Espaço do Invisível — II*, Lisboa, 1976, p. 235-243; Duarte Faria, *Metamorfoses do fantástico na obra de José Régio*, prefácio de Eduardo Lourenço, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1977; J. G. Simões, *J. R. e a História do Movimento da «Presença»*, Porto, 1977; Sant'Anna Dionísio, «Romance onírico e nocturno», in AA. VV., *A Dez Anos da Morte de J. R.*, Lisboa, 1980, p. 47-50; Álvaro Salema, «Repensar (hoje) *J. da C. C.*», in *Tempo de Leitura*, Lisboa, 1982, p. 143-146; Luís Mourão, «J. R.: *J. da C. C.* ou o discurso do método da poética», in *Brotéria*, 116 (4), Abr. 1983, p. 405-413; Eugénio Lisboa, «Nos cinquenta anos da publicação do *J. da C. C.* Uma carta de Vitorino Nemésio a J. R.», in *Colóquio-Letras*, 81, Set. 1984, p. 40-44; Eugénio Lisboa, *José Régio — A obra e o homem*, 2.ª ed. revista e aumentada, Lisboa, Dom Quixote, 1986; Óscar Lopes, «José Régio», in *Entre Fialho e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea — II*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, p. 655-679; Carlos Jorge Pereira, «O caso e o jogo de um Régio [...]», in *Actas do Terceiro Congr. da Assoc. Intern. de Lusitanistas*, Coimbra, 1992, p. 363-379; João Minhoto Marques, *Arte e Vida em «J. da C. C.»*, de J. R., tese de maestr., Lisboa, 1993; AA. VV., in *Colóquio-Letras*, 140-141, Abr.-Set. 1996; Maria Aliete Galhoz, «Sobre *J. da C. C.*», in *Catorze Ensaios sobre J. R. Seguidos de Uma Biobibliografia Essencial*, Lisboa, 1996, p. 11-24; Paula Margarida da Silva Lima, *A Ideia de Literatura na Obra Romanesca de J. R.: «J. da C. C.» e «A Velha Casa»*, tese de maestr., ponta Delgada, 1997; Hermínia Maria R. Farias, *O Jogo Intertextual em «Les Faux-Monnayeurs» de André Gide e o «J. da C. C.» de J. R.*, tese de maestr., Coimbra, 1999.